

IMAGINÁRIO SOCIAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM NOVO OLHAR SOBRE A CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

SOCIAL IMAGINARY AND PHYSICAL EDUCATION: A NEW VIEW ABOUT THE MOVEMENT CORPORAL CULTURE

Kalyla Maroun*
Valdo Vieira**

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a inter-relação do imaginário social, enquanto forma de investigação científica, com a educação física. Esta análise se torna relevante na medida em que permite um 'novo olhar' sobre a cultura corporal. Através de uma revisão teórica verificamos que o imaginário pode ser entendido como sendo símbolos compartilhados por determinado grupo ou sociedade que influenciam as diversas esferas das relações sociais; e a cultura corporal de movimento seria a linguagem através do corpo envolvendo símbolos e significados que vão sendo construídos e desconstruídos em determinados contextos sócio-histórico-culturais. Portanto, consideramos que a articulação desses dois campos de conhecimento pode contribuir significativamente para a ampliação do olhar restrito e limitado que os profissionais de educação física parecem possuir sobre a cultura corporal de movimento, o que pode vir a beneficiar a sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Imaginário Social. Educação Física. Cultura corporal de Movimento.

INTRODUÇÃO

A idéia de imaginário, que durante muitos séculos ficou “abandonada” em função da dominação de determinadas filosofias racionalistas, tornou-se recorrente no dia-a-dia, entrando na linguagem do cotidiano da sociedade contemporânea com grande destaque. Na mídia, por exemplo, proliferam alusões ao imaginário, o que, contudo, não esclarece seu significado, tornando-o uma palavra polissêmica, isto é, dotada de múltiplos sentidos. Sendo assim, apesar da expansão do uso do termo *imaginário* na sociedade, pouco se sabe sobre o seu significado no meio acadêmico.

Algumas questões chamam a atenção quando pensamos em imaginário e ciência. Entre elas podemos destacar a antiga idéia, que aos poucos vem se debilitando, de antagonismo entre ciência (nobre, rígida, conservadora) e imaginário (fluido, imprevisível, rebelde). Surge

neste contexto o conceito de imaginário científico, na busca de harmonização dessas noções (imaginário e ciência) de maneira que seja possível veicular uma ideologia de equilíbrio entre ambas (NEVES, 1998).

Essa exaltação do imaginário, e não raro do imaginário social, pode ser vista como prolongamento de uma nova forma de investigação, legitimada, que (re) surgiu recentemente no meio acadêmico. As investigações no campo do imaginário vêm como um caminho alternativo, seguindo em direção contrária à do racionalismo positivista, ainda soberano na ciência, trazendo conseqüências relevantes para a compreensão dos fenômenos sociais. Segundo Mafessoli (2001, p. 5) “nós não nos damos conta de que não podemos mais economizar este imaginário na compreensão da vida social”.

Entre alguns fenômenos sociais dignos de estudo na contemporaneidade podemos destacar

* Graduada em Educação Física. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ.

** Mestre em Ciência da Motricidade Humana. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. Docente da Unisum e da UVA/RJ. Pesquisador do Laboratório de Estudos em Educação Física, Esporte e Lazer.

aqueles que se associam à educação física, ou melhor, à cultura corporal de movimento, que está presente no cotidiano da sociedade moderna em diversos âmbitos: seja nas discussões sobre uma partida de futebol, nas “peladas” de rua, nas escolas por meio da educação física escolar, nas academias de ginástica, nos clubes, nos projetos sociais, nos valores e imaginários relativos ao corpo, entre outros. Enfim, a educação física, enquanto área de conhecimento, por tratar da cultura corporal de movimento (que vem assumindo acentuados valores simbólicos na atualidade), pode e deve utilizar a abordagem do imaginário social para compreender como se dão os fenômenos sociais relativos à sua prática.

Não obstante, podemos observar que é pouco comum encontrarmos estudos, sob o viés do imaginário, na produção de conhecimento da área. Parece que a forma de abordagem que predomina ainda se encontra pautada na filosofia positivista, isto é, na objetividade. Segundo Freire (1991), o que preponderou a respeito das condutas motoras é o que sempre se aprendeu com a ciência tradicional, reduzindo-se o complexo ao simples. O fenômeno da motricidade humana foi sempre reduzido a particularidades extremamente elementares, como se fosse possível explicar fenômeno de tal magnitude apenas pelos seus procedimentos práticos: aferição da gordura corporal, da circulação sanguínea, da resistência aeróbia, da força muscular e assim por diante.

Segundo Mendes (2002), a educação física recebe tanto a influência do *biologismo* como a do *antropologismo*, e os avanços epistemológicos que a estão influenciando ora enfatizam as ciências naturais, ora as ciências humanas. No entanto, não se pode separar o biológico da cultura, já que o homem é biocultural. Os movimentos estão inseridos em um contexto social que lhes permite ter diferentes significados e sentidos, ou seja, o corpo vai se construindo e desconstruindo e se comunicando por meio de seus gestos. Por isso, a contribuição das ciências humanas é de extrema importância nos estudos desta área.

Mesmo com toda esta influência antropológica e social, ainda podemos perceber que a educação física e seus profissionais, em sua grande maioria, continuam baseando sua prática numa visão mecanicista, aceitando sem

contestar um modelo de corpo proveniente de estudos biológicos que ignoram as diversidades culturais, homogeneizando os indivíduos e desconsiderando a subjetividade humana. Ressaltamos que o corpo não se revela apenas enquanto componente de elementos orgânicos, mas também como fato social, psicológico, cultural, religioso. Sua subjetividade está sempre produzindo sentidos que representam, diferenciadamente, sua cultura, desejos, paixões, afetos, emoções - enfim, o seu mundo simbólico (BRAUNSTEIN; PÉPIN, 1999).

Deste modo, a cultura corporal de movimento também precisa ser compreendida como uma complexa estrutura social de símbolos, em contextos e processos sócio-histórico-culturais específicos. Neste contexto nos deparamos com a seguinte reflexão: de que forma o conhecimento da inter-relação do imaginário social com a educação física pode influenciar o professor em sua prática pedagógica?

IMAGINÁRIO SOCIAL

Inicialmente, devemos compreender o que é imaginário. De acordo com Augras (2000), o conceito do que vem a ser imaginário não se encerra em apenas uma dimensão. São muitos os autores que versam sobre ele e muitas são as teorias que o perpassam. Sendo assim, não vamos nos ater a essas variações, apesar de ser conveniente sabermos que elas existem, e sim, abordar algumas noções que nos auxiliem na compreensão do seu significado.

Para tal recorreremos novamente à psicóloga Monique Augras (1995). Para ela, o imaginário concerne a todas as criações do homem, que vão desde pensamentos simples até pensamentos mais complexos, como a ciência. Ainda segundo a autora, o imaginário está no cotidiano, em todos os momentos, na realidade em que se vive.

Para o sociólogo francês Michel Maffesoli (2001), o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo, é cimento social, ultrapassa o indivíduo, impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser nunca

individual. Mais do que isso, só existe imaginário coletivo. Isso significa dizer que por trás de “um” imaginário qualquer se encontra o imaginário de um grupo no qual ele está inserido.

O imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma idéia de mundo. Assim sendo, o imaginário é real, uma força social, podendo ser comparado com uma atmosfera, ou uma aura: sabemos que ele existe, percebemos a sua influência, no entanto não podemos quantificá-lo. O imaginário não é palpável.

A partir do que foi abordado acima, podemos especular que a utilização do termo imaginário social pode parecer redundante, visto que o imaginário, segundo Maffesoli (2001), só existe enquanto possa ser compartilhado. Assim sendo, o imaginário só pode ser concebido como social ou coletivo.

Uma das metáforas do imaginário que permeiam a contemporaneidade, ou melhor, a pós-modernidade, como diria Maffesoli (2001), seria o neotribalismo.

O neotribalismo (conceito que caracteriza as formas de organização social das sociedades complexas ou pós-modernas) se estabelece, portanto, através das emoções e sentimentos vividos em comum, com o outro, sendo caracterizado também pela fluidez e pela dispersão. Neste contexto o que menos importa é a razão ou o objetivo que se estabelece para a criação do grupo ou da comunidade: importa, sim, o fato de essas relações existirem e darem sentido à vida em conjunto (MAFFESOLI, 2006).

Ao imaginar, o homem se permite realizar desejos privados no dia-a-dia, conquistar o impossível, ultrapassar barreiras, transformar-se naquilo que almeja ser. Portanto, imaginar, para o homem, é concretizar, por meio de sentidos imagéticos, tudo o que o mundo real, se não interdita, pelo menos dificulta. O imaginário permite às pessoas voltar às fontes de si mesmas e, ao mesmo tempo, evadir-se de si para buscar suas ligações com o mundo, vivenciando um constante jogo de equilíbrio entre o interno e o externo. O mundo imaginal contamina todos os campos da vida social, seja ele qual for (MAFFESOLI, 1993).

A relação que se institui entre o homem e o mundo não é direta, e sim, mediada por processos de pensamento. O homem não lida diretamente com as *coisas*, e sim, com os significados a elas atribuídos, o que se desenrola por meio da cultura. O ambiente cultural, portanto, é formador do simbolismo e este, o simbolismo, pode ser entendido como o resultado ou a extensão concreta e “real” do imaginário. Durand (1997), por exemplo, em sua obra *As estruturas antropológicas do imaginário*, não demonstra uma diferenciação clara entre a função simbólica e o imaginário. Para o autor, o mais importante é entender que ambos se caracterizam pela função de mediadores nas relações que o homem estabelece consigo mesmo, com o outro e com tudo o que está ao seu redor.

É pelo fato de inúmeras coisas se situarem para além dos limites do conhecimento humano que utilizamos constantemente termos simbólicos para representar conceitos que não podemos definir nem compreender por completo. Isso quer dizer que o símbolo exprime o invisível, o inefável, o indizível, de forma que ele seja a representação mais fiel do objeto em questão, transcendendo seu signo.

O homem tem por costume nomear as *coisas* no mundo atribuindo-lhes qualidades diversas, o que pode ser considerado manifestação do poder de sua representação simbólica. O símbolo é, na verdade, representação, e não uma substituição. Cabe, então, ao símbolo, apresentar o objeto percebido de outra forma, atribuindo-lhe significados que serão limitados pelo próprio objeto. É próprio do símbolo permanecer indefinidamente sugestivo, tornando possível cada qual ver aquilo que sua potência visual lhe permitir perceber. O imaginário social, para Ferreira (2001), adentra o plano simbólico das sociedades, possibilitando ao homem falar de si mesmo, do outro, do mundo, de seus deuses e seus mistérios.

Nesta perspectiva podemos refletir, entre inúmeras outras situações, sobre as formações imagéticas e simbólicas que permeiam a cultura corporal de movimento.

Torna-se importante que o professor de educação física compreenda os sentidos, símbolos e significados que norteiam sua prática profissional, visto que os redimensionamentos

dos valores e símbolos relacionados a estas práticas específicas vêm despertando grande interesse nas pessoas e na mídia. Deste modo, Augras (1995) expõe que devemos honrar o imaginário e permitir que ele aflore em todos os momentos da vida. Não cultivá-lo como simples enfeite que embeleza o cotidiano ou como código fantástico que deve ser decifrado a todo o custo a fim de que se desvendem os mistérios da alma, mas sim, enquanto componente intrínseco do mundo humano.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

A prática da atividade física é muito anterior ao momento atual de exaltação e culto ao corpo. Ela surgiu muito antes de o ser humano ter a consciência do seu significado. Isso não quer dizer que não havia sentido atribuído aos movimentos para o homem primitivo, mas sim, que estes sentidos seriam distintos daqueles que se apresentam atualmente. Ao nos remetermos à natureza humana podemos especular que não há nada que anteceda o movimento. No entanto, esta natureza se encontra imersa em determinado contexto cultural. O homem primitivo, por exemplo, utilizava-se das atividades corporais naturalmente, como ferramenta para sua própria sobrevivência. Por meio destas desenvolvia valências físicas tais como: flexibilidade, força muscular localizada, resistência aeróbia, agilidade, entre outras.

Com o passar dos anos o homem foi se modificando e a cultura corporal foi acompanhando-o, tornando-se sua aliada. Assim o homem, simultaneamente ao movimento histórico da construção da corporeidade, foi criando outras atividades, outros instrumentos, e por meio do trabalho foi transformando a natureza, construindo a cultura e se construindo.

O desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal de movimento é de extrema importância para o ser humano. Precisamos compreender que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando. Todas essas atividades foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas. Estas e outras atividades se articularam ao longo

do tempo, e ainda se articulam, compondo o objeto de estudo da educação física. Isso significa que, independentemente do período histórico e do tipo de abordagem realizado, o movimento humano sempre foi o principal instrumento da educação física.

Considerando o movimento humano como uma forma de expressão cultural, podemos dizer que ele carrega consigo elementos históricos, éticos, étnicos, técnicos, filosóficos e políticos que devem ser estudados e praticados. Portanto, a educação física deve contribuir para que os indivíduos possam conhecer, escolher, vivenciar, transformar, planejar e ser capazes de julgar os valores associados à prática da atividade física, e não apenas praticar sem entender esta prática, simplesmente aderindo (ou não) à moda da atividade física.

Afinal, o que seria a educação física? De acordo com o livro Coletivo de Autores (1992, p. 50), “perguntar o que é a educação física só faz sentido quando a preocupação é compreender essa prática para transformá-la”. Diferentes respostas têm sido historicamente construídas sem, contudo, contribuírem para a superação da prática conservadora existente.

Dentro do mesmo trabalho acima citado, algumas respostas carentes de uma teorização mais ampla foram formuladas, como por exemplo: educação física é educação por meio de atividades corporais; educação física é educação pelo movimento; educação física é esporte de rendimento; educação física é educação do movimento; educação física é educação sobre o movimento.

É ainda o Coletivo de Autores que nos propõe uma definição mais clara do que seria a educação física e o seu objeto de estudo (1992, p. 50): “A educação física é a uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”.

Na perspectiva de tentarmos clarificar a cultura corporal de movimento citamos Bracht (1996, p. 24, grifo nosso):

[...] movimentar-se é entendido como uma forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora de cultura, mas também, possibilitada

por ela. É uma linguagem, com especificidade, é claro, mas que enquanto cultura habita o mundo do **simbólico**. A naturalização do objeto da Educação Física por outro lado, seja alocando-o no plano do biológico ou do psicológico, retira dele o caráter histórico e com isso sua marca social. Ora, o que qualifica o **movimento** enquanto humano é o **sentido/significado** do mover-se. **Sentido/significado** mediado **simbolicamente** e que o colocam no plano da cultura.

Sendo assim, destacados alguns conceitos acerca da educação física, do movimento humano e da cultura corporal, é possível compreendermos que é por meio da articulação destes que podemos entender o que constitui a cultura corporal de movimento, ou seja, o objeto da educação física.

A INTER-RELAÇÃO DO IMAGINÁRIO COM A CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

Ao concluirmos a breve explanação sobre imaginário social e educação física na perspectiva da cultura corporal de movimento, torna-se possível discorrermos sobre a inter-relação de ambos. A articulação desses conceitos é fundamentalmente importante, haja vista que algumas questões ainda não foram totalmente esclarecidas, tais como: o que imaginário social tem a ver com educação física? Ou ainda: como o conhecimento da inter-relação de imaginário social com cultura corporal de movimento pode beneficiar a atuação do professor de educação física? O que podemos dizer a princípio é que estes dois conceitos têm uma grande área de interseção.

Resumidamente, podemos descrever o imaginário social como sentidos, símbolos e significados compartilhados por uma sociedade ou grupo que vão influenciar as diversas esferas das relações sociais. Já a cultura corporal de movimento é linguagem através do corpo, envolvendo símbolos e significados de acordo com contexto sócio-histórico-cultural. Logo, a cultura corporal de movimento não pode ser encarada como algo arbitrário, e sim, como uma teia de símbolos significativos que foram se

construindo e desconstruindo, também na perspectiva do imaginário social, até se transformar no que hoje concebemos a seu respeito. A cultura corporal de movimento está inserida dentro do imaginário, assim como o imaginário pode ser claramente observado e analisado por meio dela. Portanto, existe *um* imaginário ou *alguns* imaginários da cultura corporal de movimento da sociedade contemporânea distinto(s) daquele que foi instituído em outro período sócio-histórico-cultural.

A educação física no Brasil, ao longo dos anos, foi sendo constituída de acordo com interesses alheios, ou seja, os objetivos de sua prática eram ditados de fora para dentro. Foi assim no período pós-independência, quando possuía caráter de eugenia e de higienismo; no Estado Novo, quando predominava o interesse em formar cidadãos-soldados; e na ditadura, em que a educação física e o esporte eram estimulados por meio da *performance* esportiva, o que os tornava alienantes (CASTELLANI FILHO, 1991). Atualmente parece que a educação física e seu objeto de estudo ainda não têm vida própria. Ambos continuam seguindo modelos impostos pela mídia e pela sociedade, transformando pessoas naquilo em que querem que se transformem, sem qualquer tipo de reflexão ou de transgressão.

A cultura corporal de movimento, por si só, carrega consigo elementos fundamentalmente simbólicos que ditam as regras das práticas corporais. O redimensionamento de valores relacionados ao corpo, por exemplo, modifica a rotina dos indivíduos de diversas sociedades (homens, mulheres, jovens, adultos, crianças e idosos), tornando-os “escravos” de um padrão de beleza vigente. Sabemos que o padrão de beleza atual não é o mesmo que imperava no início do século passado. Por que isso ocorreu? Os esportes de aventura vêm se expandindo consideravelmente na atualidade. O que os fez e ainda os faz crescer tanto no Brasil e no mundo?

Em relação à atual exaltação e propagação do culto ao corpo, que assistimos principalmente nos grandes centros urbanos, podemos inferir também que, muito além das representações e dos símbolos relacionados a ele, existe um forte imaginário referente às relações sociais que se desenvolvem nesses ambientes em que se

consagra esse processo, tais como as cadeias de amizade que se formam, as vestimentas utilizadas, a linguagem específica, as formas de agir, entre outras.

Segundo Goldenberg (2002), a “forma física” vai ditar as regras de convivência no meio social. O corpo passa a ser um valor que vai identificar se o indivíduo pertence ou não a um grupo de “valor superior”, grupo este que é concebido por aqueles indivíduos que conseguem se autodisciplinar e ter autocontrole para exibir-se “malhados”, “sarados”, “definidos”, como se cuidar do corpo fosse sinal indicativo de virtude humana. Isso significa dizer que as pessoas passam a se agrupar mediante a apresentação desse corpo, o que pode ser considerado uma das formas de neotribalismo da contemporaneidade.

Essas ponderações acima elaboradas, entre outras, são problemas passíveis de serem investigados dentro da educação física. Entretanto, estas e outras questões podem ser abordadas de diversas maneiras, o que resultará em diferentes pontos de vista. O imaginário social é uma das possíveis abordagens para as questões acima relacionadas. Através de sentidos, significados e símbolos podemos compreender, por exemplo, o que leva pessoas a procurarem a prática de esportes de aventura que muitas vezes podem até oferecer riscos aos seus praticantes. A partir deste conhecimento estabelecemos uma profunda relação com nosso objeto de estudo e nos confrontamos com o lado invisível da realidade humana, o que diz respeito às sensações, sentimentos, afetos e sentidos, ou seja, tudo aquilo que não pode ser quantificado, o subjetivo.

Não basta que os professores de educação física saibam as origens dos jogos, das brincadeiras, as regras e as táticas dos esportes, a fisiologia do organismo. Não basta que eles se utilizem dessa cultura corporal de movimento em suas práticas se estas, na verdade, não passam de mera reprodução alienante de movimentos. Eles devem encarar o real sentido do seu objeto de trabalho e tentar compreender que a cultura corporal de movimento não pode ser dissociada do imaginário, já que este estará sempre intrinsecamente presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi analisar a inter-relação do imaginário social com a educação física, e, para tanto, optamos por utilizar um referencial teórico que permitisse a articulação de ambos. A partir desta análise procuramos demonstrar a relevância do conhecimento acerca do imaginário na compreensão de alguns fenômenos relativos à cultura corporal na atualidade e apontar a importância deste conhecimento para a prática pedagógica do profissional em questão.

Este estudo tratou de uma temática que, embora venha se expandindo consideravelmente no meio acadêmico, ainda é pouco explorada pela educação física. Destarte, podemos dizer que há pouca literatura referente ao tema proposto pelo trabalho, o que, de certo modo, pode ter limitado um aprofundamento maior em algumas questões sugeridas.

Podemos concluir que a visão tecnicista da educação física parece empregar ainda forte influência em suas dimensões acadêmicas e profissionais. Isso pode ser reflexo do domínio da esfera biológica na formação do professor de educação física - e conseqüentemente na sua prática pedagógica - o que pode estar restringindo o desenvolvimento de pesquisas que explorem esta forma de investigação.

O imaginário social, respaldado em suas técnicas próprias de investigação, deve ser compreendido como um dos inúmeros possíveis caminhos para a abordagem de problemas pertencentes à educação física. Devemos começar a questionar o paradigma corpo/mente e compreender que na natureza humana não podemos separar o biológico do social, do cultural, do antropológico e do psicológico. Mesmo enfatizando o *biologismo* em sua prática, o professor de educação física deve ter a consciência de que o corpo e o movimento vão muito além de simples reações fisiológicas. A cultura corporal de movimento, enquanto objeto de estudo da educação física, possui grande interseção com os estudos do imaginário, fornecendo-nos fontes fundamentais de reflexão, significados e sentidos que permeiam este panorama relacionado aos esportes e ao corpo e se encontram tão difundidos e valorizados na sociedade contemporânea.

SOCIAL IMAGINARY AND PHYSICAL EDUCATION: A NEW VIEW ABOUT THE MOVEMENT CORPORAL CULTURE**ABSTRACT**

This study aims to analyze the inter-relationship between the social imaginary and Physical Education, as a way of scientific investigation. This analysis became relevant at the point that it allows a new approach on the corporal movement culture. Through a theoretical review it is possible to verified that imaginary can be understood as symbols shared by a specific group or society that influence social relationships, while the corporal movement culture would be the language through the body involving symbols and meanings that are built and destroyed according to certain cultural-historical-social context. Therefore it can be considered that the relation between both concepts can contribute significantly to enlarge the limited and restricted approach that the Physical Education professionals seem to have about corporal movement culture, improving their pedagogical practice.

Key words: Social imaginary. Physical education. Corporal movement culture.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: AUGRAS, M. **Psicologia e cultura**. Rio de Janeiro: Nau, 1995.
- _____. Mil janelas: teóricos do imaginário. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p.107-131, 2000.
- BRACHT, V. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, p. 23-28, 1996. Suplemento 2.
- BRAUNSTEIN, F.; PÉPIN, J. F. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil** – a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1991.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERREIRA, N. T. Olhares sobre o corpo. In: Votre, S. (Org.). **Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001, p.13-43.
- FREIRE, J. B. **De corpo e alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.
- GOLDENBERG, M. **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MAFFESOLI, M. Os imaginários sociais. **Psicologia e práticas sociais**, Rio de Janeiro, v.1, n. 3, p.5-22, 1993.
- _____. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.15, p.74-81, 2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva.
- _____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MENDES, M. I. B. S. Corpo, biologia e educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 9-22, 2002.
- NEVES, L. F. B. **A construção do discurso científico: implicações sócio-culturais**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998.

Recebido em 05/09/07

Revisado em 05/11/07

Aceito em 03/12/07

Agradecimentos

Agradeço aos professores doutores Pierre Normando Gomes da Silva e Lúcia Helena Ferraz Sant'Agostino, que me propiciaram o debate que fez surgir algumas das idéias aqui propostas.

Endereço para correspondência: Kalyla Maroun, Rua Almirante Alexandrino 2603, casa 48, Santa Teresa, CEP 20241-263, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. E-mail: kalyllamaroun@gmail.combr